

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Por onde andam as crianças ciganas? Sujeitos às margens das pesquisas e dos textos

Janeide da Silva Cavalcante, Emilene Leite de Sousa

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14732>

Submetido em: 2025-12-29

Postado em: 2026-01-05 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

POR ONDE ANDAM AS CRIANÇAS CIGANAS? SUJEITOS ÀS MARGENS DAS PESQUISAS E DOS TEXTOS

JANEIDE DA SILVA CAVALCANTE¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0526-406X>

janeide.cavalcante@discente.ufma.br

EMILENE LEITE DE SOUSA²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2608-6677>

emilene.sousa@ufma.br

¹ Universidade Federal do Maranhão. São Luís, Maranhão (MA), Brasil.

² Universidade Federal do Maranhão. Imperatriz, Maranhão (MA), Brasil.

RESUMO: Este artigo parte da seguinte problematização: qual a razão da ausência de pesquisas sobre crianças ciganas, nos estudos da criança ou das infâncias no Brasil? Por que temos tão poucas etnografias sobre crianças ciganas no país? Diante disso, este artigo visou mapear pesquisas sobre povos ciganos no Brasil que consideraram as crianças, em áreas de conhecimento diversas, para um levantamento dos temas, das abordagens e perspectivas. Descobrimos as crianças ciganas às margens do texto e suas infâncias analisadas em termos etnocêntricos. Acreditamos que pesquisas antropológicas que tomassem tais crianças como protagonistas lançariam luz sobre a presença e a importância delas em seus grupos étnicos, para a manutenção de sua organização social e a perpetuação de suas comunidades tradicionais. Estas pesquisas também poderiam subsidiar políticas públicas voltadas para as crianças e os povos ciganos em geral. Este texto argumenta em favor de uma Antropologia da Criança Cigana, para a compreensão das infâncias ciganas em seus próprios termos.

Palavras-chave: crianças ciganas, estado da arte, pesquisas com crianças, antropologia da criança.

WHERE ARE THE GYPSY CHILDREN? SUBJECTS ON THE MARGINS OF RESEARCH AND TEXTS

ABSTRACT: This article stems from the following question: why is there a lack of research on Roma children in childhood studies in Brazil? Why do we have so few ethnographies on Roma children in the country? Therefore, this article aimed to map research on Roma people in Brazil that considered children, in diverse areas of knowledge, to survey the themes, approaches, and perspectives. We found Roma children marginalized in the text, and their childhoods analyzed in ethnocentric terms. We believe that anthropological research that takes these children as protagonists would shed light on their presence and importance in their ethnic groups, for the maintenance of their social organization and the perpetuation of their traditional communities. This research could also support public policies aimed at Roma children and Roma people in general. This text argues in favor of an Anthropology of the Roma Child, for the understanding of Roma childhoods in their own terms.

Keywords: gypsy children, state of the art, research with children, anthropology of childhood.

¿DÓNDE ESTÁN LOS NIÑOS GITANOS? TEMAS AL BORDE DE LA INVESTIGACIÓN Y LOS TEXTOS

RESUMEN: Este artículo surge de la siguiente pregunta: ¿por qué hay una falta de investigación sobre la infancia romaní en los estudios de infancia en Brasil? ¿Por qué tenemos tan pocas etnografías sobre la infancia romaní en el país? Por lo tanto, este artículo tuvo como objetivo mapear la investigación sobre la población romaní en Brasil que consideró a la infancia, en diversas áreas del conocimiento, para examinar los temas, enfoques y perspectivas. Encontramos a la infancia romaní marginada en el texto, y sus infancias analizadas en términos etnocéntricos. Creemos que la investigación antropológica que toma a estos niños como protagonistas arrojaría luz sobre su presencia e importancia en sus grupos étnicos, para el mantenimiento de su organización social y la perpetuación de sus comunidades tradicionales. Esta investigación también podría respaldar las políticas públicas dirigidas a la infancia romaní y a la población romaní en general. Este texto aboga por una Antropología de la Infancia Romaní, para la comprensión de las infancias romaníes en sus propios términos.

Palabras clave: niños gitanos, estado del arte, investigación con niños, antropología de la infancia.

INTRODUÇÃO

Ao mapearmos as produções existentes sobre povos ciganos¹ no Brasil, nos deparamos com uma quantidade de trabalhos de áreas diversas - como arquitetura e urbanismo, geografia, saúde, educação, letras e linguística - que consideram ou mencionam as crianças ciganas, revelando a sua presença nos espaços de pesquisa e em torno dos pesquisadores. Mas, em se tratando da Antropologia da Criança, são quase inexistentes estudos que se dediquem a analisar a infância cigana a partir de investigações que tomem tais crianças como protagonistas.

Pesquisas etnográficas sobre os povos ciganos na área das ciências sociais, não posicionam as crianças no centro dos seus trabalhos. Nos moldes do que ocorreu por muito tempo às crianças indígenas, as crianças ciganas são mencionadas por estarem em volta dos pesquisadores e sendo vistas por todo o tempo da pesquisa, situadas em prefácios e notas de rodapé, às margens dos textos. Mesmo quando aparecem no centro de pesquisas em educação ou linguística, estas infâncias e seus modos próprios de educar são criticadas, em comparações com os modos ocidentais de cuidar, criando um discurso etnocêntrico sobre este distinto modo de vivenciar a infância.

Ora, há um longo caminho a ser percorrido para entendermos o que os ciganos chamam de infância, quando ela termina, o que caracteriza tais infâncias e que elementos conformam e legitimam as experiências das crianças ciganas. Acreditamos que uma pesquisa situada intencional e politicamente nos estudos da infância, dedicada às crianças ciganas, evidenciaria sua agência e autonomia e situaria tais crianças no centro do texto, revelando seu protagonismo para suas organizações sociais e para a perpetuação destes grupos tradicionais.

Embora a Antropologia da Criança no país já tenha se consolidado nos últimos vinte anos e apresente um sem número de trabalhos sobre infâncias diversas – indígenas, camponesas, quilombolas, ribeirinhas, institucionalizadas, extrativistas – especialmente no que diz respeito às comunidades tradicionais, nos impressiona que apenas uma pesquisa situada na Antropologia da Criança tenha sido

¹ Para Frans Moonem ([1993] 2011), o termo cigano se refere a qualquer pessoa que se reconheça como Rom, Sinti ou Calon, entre vários outros subgrupos.

construída tomando as crianças ciganas como sujeitos principais, neste caso o conjunto de trabalhos de Edilma Monteiro (2015, 2017, 2019).

Por esta razão, este artigo se debruça sobre a produção acerca dos povos ciganos no país que tenham considerado as crianças, com o intento de perceber o lugar delas nestas pesquisas, as impressões dos pesquisadores de áreas diversas sobre tais crianças e como a Antropologia poderia contribuir com este objeto de estudo e seus sujeitos.

Após procedermos o mapeamento dos trabalhos e uma leitura cuidadosa daqueles aqui selecionados, observamos que apesar dos pesquisadores mencionarem as crianças em seus textos, algumas afirmações sobre elas ganham um caráter adultocêntrico ou preconceituoso, como veremos adiante. Entretanto, estes textos foram fundamentais para nos darem uma ideia, ainda que generalizada, do lugar das crianças em suas organizações sociais e da importância de ouvi-las nas pesquisas sobre povos ciganos.

A nossa hipótese para a aparição das crianças ciganas em tais textos, é de que estas - pertencentes a um grupo étnico que durante muito tempo teve como um de seus principais definidores a itinerância - são detentoras de uma liberdade e autonomia extrema, advindas de um modo de educar e se socializar que se estabelece pelo movimento. Numa aproximação ao que acontece com as crianças indígenas, representadas na antropologia da criança no Brasil (Cohn, 2000, 2005; 2013, Nunes, 2011; Tassinari 2007; 2009) as crianças estão presentes em todos os aspectos da cultura cigana, e por todos os espaços de seus ambientes de morada, sejam eles temporários ou não, em contextos de itinerância ou de fixação.

Este artigo parte da seguinte problematização: qual a razão da ausência de pesquisas sobre crianças ciganas, nos estudos da criança ou das infâncias no Brasil? Especificamente na Antropologia da Criança, por que temos tão poucas etnografias sobre infâncias ciganas no país? Orientadas por estas questões, construímos um diálogo interdisciplinar lançando luz sobre as pesquisas com ou sobre povos ciganos - sejam elas sobre políticas públicas, legislação, educação, identidade, ludicidade ou sobre os direitos destes povos – que consideraram as crianças.

Partindo do campo da Antropologia da Criança, este levantamento da aparição das crianças em pesquisas sobre povos ciganos argumenta sobre a necessidade de levar em conta as concepções de infância que vigoram no universo cigano e suas peculiaridades, bem como sobre a importância de incluir as crianças nas pesquisas antropológicas sobre os povos ciganos no país.

Ao darmos início ao levantamento dos trabalhos, partimos de algumas hipótese para a ausência de pesquisas antropológicas sobre crianças ciganas: a condição de itinerância foi a primeira delas. Todavia, a quantidade de pesquisas encontradas que consideraram as crianças, ocorrem em ranchos e assentamentos, uma realidade cada vez maior sobre os ciganos no Brasil. Em um recente Mapeamento financiado pelo Ministério da Igualdade Racial/MIR por meio do TED 05/2023 celebrado com universidades das cinco regiões do país², verificamos o processo de fixação como uma realidade entre os ciganos brasileiros, cujas demandas começam a girar em torno da posse de terra e territórios. A

² O “Mapeamento e registro de famílias ciganas das etnias Calon, Rom e Sinti, de territórios e rotas dos povos ciganos e das políticas públicas acessadas por esse público no Brasil”, foi realizado por pesquisadores da Universidade Federal de Jataí/UFJ, Universidade Federal do Maranhão/UFMA, Universidade Federal Fluminense/UFF, Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC e Universidade Federal do Norte do Tocantins/UFNT para o Ministério da Igualdade Racial/MIR.

territorialidade desponta como nova forma de relação com a etnicidade, e as itinerâncias agora tem rotas específicas em períodos determinados ao longo do ano.

Em todo caso, ainda que a itinerância fosse um obstáculo, soluções metodológicas mais recentes podem apontar caminhos para seguir as crianças e conseguir acessá-las, como as etnografias em movimento (Müller & Sousa, 2021). A escola também pode ser um caminho para mapear estas crianças, principalmente depois que o Estado brasileiro, por meio da Resolução CNE/CEB nº 3/2012, estabeleceu diretrizes para o atendimento educacional de populações em situação de itinerância, incluindo os povos circenses e ciganos. Assim, fica garantido às crianças ciganas se matricularem nas escolas em diferentes cidades por onde elas passarem.

Outras hipóteses para as dificuldades de pesquisa com crianças ciganas - como o idioma ou por se tratarem de grupos que têm historicamente sofrido discriminação, tornando-se fechados e desconfiados - podem ser apontadas para justificar as crianças ciganas às margens do texto, observadas por profissionais diversos, enquanto se dedicam a outros temas. O acesso às crianças em pesquisas é sempre delicado metodológica e eticamente (Kramer, 2002; Sousa & Pires, 2020; Sousa 2015, Pires, 2007). Isso se agrava em se tratando de grupos marginalizados.

Ainda assim, seguindo a linha de Hirschfeld (2002) ousamos perguntar: por que os antropólogos não gostam das crianças ciganas? As relações delicadas com os povos ciganos, a exclusão e marginalização destes, a invisibilidade frente ao Estado, o desconhecimento de seus costumes – não raras vezes são confundidos com grupos religiosos - podem ser razões pelas quais ainda são escassos os estudos sobre estes povos. Disputas de poder junto a institutos, associações, e cargos de lideranças e aos próprios antropólogos também podem justificar a ausência de tais pesquisas. Estas disputas dizem respeito aos desafios éticos e metodológicos na pesquisa, marcados por tensões na representação cultural, preconceitos históricos e a resistência cigana à exposição de sua intimidade para o mundo não cigano (*gadje*). Em resposta a estes desafios, a antropologia tem buscado abordagens mais colaborativas e éticas, onde os ciganos são participantes ativos da pesquisa visando a construção de um conhecimento menos etnocêntrico próprio do *metier* da disciplina.

Estudos envolvendo essas comunidades têm destacado a variedade de modos de vida que esses grupos adotam, seja em acampamentos, ranchos, cidades e até mesmo de forma itinerante. No entanto, existem poucas investigações que se dedicam a entender as diferentes maneiras de ser criança dentro desses contextos. Por onde andam as crianças ciganas? Na medida em que cresce a visibilidade do povo no país, pouco se sabe sobre onde e como as crianças experienciam a infância na condição de ciganidade.

Para contribuir com tal tema, procedemos da seguinte maneira: mapeamos pesquisas sobre povos ciganos cujo critério era considerar ou mencionar as crianças. Percebemos a ausência de artigos situados na antropologia da criança sobre crianças ciganas. Para tal ausência, aventamos hipóteses: a itinerância, o movimento e os conflitos entre grupos ou com antropólogos. Em seguida, analisamos os temas, perspectivas e abordagens e o posicionamento das crianças nos textos em que elas apareciam de áreas divergentes da antropologia. Percebemos que boa parte destes estudos são etnocêntricos e não colocam as crianças no centro da pesquisa, nem teórico, nem metodologicamente. Consideramos que uma antropologia da criança poderia contribuir para a compreensão das infâncias ciganas em seus próprios termos, como propõe Hardman (1973).

Este artigo pretende ser uma contribuição aos estudos dos povos e das crianças ciganas mas, sobretudo, um estímulo à Antropologia da Criança e aos Estudos das Infâncias no Brasil, como modo de despertar o interesse por tal público. Para isso, está empenhado em refletir sobre que contribuições os Estudos da Infância poderiam dar a este campo de pesquisa.

O MOVIMENTO DAS CRIANÇAS CIGANAS: NA CULTURA, NOS ESPAÇOS E NAS PESQUISAS

A Antropologia, de maneira geral, demorou a atentar para os ciganos. Isso se deu talvez por conta da dificuldade de reconhecê-los como grupos étnicos e comunidades tradicionais, o que só ocorreu oficialmente em 2007 por meio do Decreto 6.040/2007 (Brasil, 2007). Soma-se a isso, a complexidade em acesso as comunidades ciganas para a realização de pesquisas etnográficas, conforme destacou Florencia Ferrari (2010) sobre as resistências e desconfianças históricas de tais populações aos *gajes* (não ciganos), especialmente no que diz respeito a presença destes em seus pousos ou acampamentos, cenário esse que atravessou o seu campo. Desconfianças, perseguições e degredos marcaram a trajetória e história dos povos ciganos, desde o seu possível surgimento e dispersão na Europa até a sua presença no Brasil, ainda no período colonial³.

Embora a presença dos ciganos no Brasil tenha sido documentada em publicações por folcloristas e memorialistas desde 1880, essas eram escassas e ofereciam poucas informações sobre os estilos de vida e os componentes culturais desses grupos, além de reproduzirem representações preconceituosas. Apenas na década de 1980 observa-se o interesse acadêmico por tais povos, a partir das dissertações da área da Antropologia Social, de Moacir Locatelli (1981) e de Maria Sant'Ana (1983).

Com ricas descrições de campo, as pesquisas de cunho etnográfico com tais comunidades não deixaram de ressaltar as crianças e os ciclos da vida para o entendimento da estrutura das sociedades ciganas e, para a construção da pertença étnica⁴, em meio aos diversos contextos que estes passam a viver (cidades, acampamentos, ranchos e de forma itinerante). Entretanto, na Antropologia, apenas um trabalho colocou a infância e a criança cigana como tema principal da pesquisa, como veremos adiante

Os estudos desenvolvidos por Sergio Adolfo (1997; 1999) entre os ciganos de Londrina - com ênfase na rede de parentesco - destacou os ciclos de vida, desde o nascimento ao casamento, fases conformadas por leis próprias do grupo. A partir das observações em campo o autor ressaltou como as crianças ciganas gozam de muita liberdade e raramente são punidas.

A criança cigana também é retratada no trabalho de Frans Moonem ([1993] 2011) entre os Calon da Paraíba. O autor ressalta que a maioria das crianças não possuía certidão de nascimento, não podendo matricular-se nas escolas. Moonem destaca ainda, ao perceber que nenhuma criança sabia falar as partes do corpo no idioma, que as elas estavam perdendo a habilidade de falar o idioma *chibi*, embora os mais velhos não se preocupassem, ressaltando que elas iriam aprender. Percebemos como Moonem ([1993] 2011) foi etnocêntrico ao utilizar uma variável aleatória – partes do corpo – para aferir o

³ A poetisa cigana polonesa Papusza, acusada por membros da comunidade de colaborar com os *gadjo* (não ciganos), ao expor aspectos da cultura cigana ao público externo por meio de seus poemas foi submetida a um julgamento interno ao grupo, declarada impura e, por fim, banida da comunidade (Fonseca 1996).

⁴ Aqui tratamos da etnicidade nos termos de Barth (2005, 2011), Silva (2014), Oliveira (2014), Brandão (1986), Cohen (1974), Arruti (2014), Athias (2007), Mitchell (1974), Silva, Hall e Woodward (2014), Poutignat & Striff-Fénart (2011) e Glazer & Moynihan (1975).

conhecimento das crianças no idioma, sem respeitar o tempo próprio da infância na etnia para a aprendizagem deste.

Sabidamente, Patrícia Goldfarb (2013) refutou sua tese, ao identificar a língua cigana como um elemento central na construção da etnicidade Calon, bem como garantia de memória e continuidade da identidade. Segundo Goldfarb (2013) a língua é ensinada no cotidiano pelos mais velhos e as crianças possuem competências linguísticas funcionais que são utilizadas em contextos específicos e simbólicos. Ela argumenta que a identidade Calon tem entre as crianças e os mais jovens, importantes agentes para a sua perpetuação.

O linguista Fábio Melo (2005), suspeitando da morte da língua Calon, realizou uma investigação com a comunidade cigana em Mambaí - Goiás, verificando que no contexto comunitário esse idioma ainda é utilizado e valorizado. Ele mapeou mais de quatrocentas palavras e dezenas de frases em Calon que são transmitidas às crianças e aos mais jovens. Nesse contexto, as crianças são retratadas como conhecedoras da língua e responsáveis por sua perpetuação ao utilizarem-na no cotidiano, em brincadeiras e no contexto familiar. Melo observou ainda, como as crianças ciganas detêm uma liberdade de interagir e agir no contexto da comunidade, sem serem castigadas ou restringidas pelos adultos. Isso também foi retratado por Sérgio Adolfo (1999) que afirmava que, em campo, as crianças estão sempre à sua volta, acompanhando suas entrevistas e observações, sendo importantes para o não apagamento do idioma.

O sociólogo Dimitri Fazito (2000) ao escrever sobre a construção da etnicidade entre os ciganos de Belo Horizonte, ressalta como as crianças são socializadas em princípios éticos e morais romanes⁵, sendo passados às gerações mais jovens através das experiências cotidianas e nas memórias de um passado que é reinterpretado e reatualizado. A etnicidade, neste caso, opera através de mitos de origem, língua, vestimentas e do nomadismo, entre os ciganos que, durante os períodos de dezembro a março partem em viagens pelo território brasileiro, com objetivos simbólicos, culturais e econômicos. Estas viagens cumprem funções de experimentar e suscitar os sentimentos étnicos nas crianças, exercendo a socialização dos princípios morais e éticos dos Romani (Fazito, 2000). O autor descreve a primeira viagem de uma criança cigana de cinco anos com o seu pai, imprimindo aprendizagens importantes na constituição do ser cigano, como montar uma tenda, fazer negócios ou traçar rotas no território brasileiro.

As crianças também são destaque na etnografia do cientista social Lailson Silva (2015), entre os ciganos de Sobral – Ceará. Em sua investigação sobre a vida em família, ele examina as relações de parentesco, as conexões sociais e o modo de vida dos Calons. Silva revela como as crianças, desde muito cedo, são integradas à dinâmica da vida Calon, que se organiza em torno de duas práticas: a coletivização, que é marcada pela união e pela partilha; e a individualização, caracterizada pela diferenciação e pela competitividade interna. A liberdade com a qual são introduzidas nesse estilo de vida é essencial para se tornarem parte dele.

Embora as crianças frequentem a escola, a educação escolar não ocupa um lugar central na vida dos Calons de Sobral, pois eles ressaltam a importância de que as crianças aprendam outros meios de garantir seu futuro. Além disso, por meio das crianças o autor conseguiu criar relações mais amigáveis

⁵ Roma e Romani são termos usados para se referir ao mesmo grupo étnico, comumente conhecido como ciganos. Roma é o termo que eles usam para se descreverem, significando homem ou marido na língua Romani. Logo, Romani pode se referir tanto ao povo quanto à sua língua.

com o povo, pois foi através do reforço escolar ofertado a elas que ele superou as resistências que encontrava ao estar no campo com os adultos. Pela manhã, Silva costumava encontrar as crianças brincando com outros parentes ou ainda dormindo. Na maior parte das vezes, elas não queriam participar das atividades, mas as mães insistiam com as crianças que relutavam em parar de brincar para ir ao reforço, se recusando a fazer as atividades.

A partir disso, Silva (2015) avalia a falta de firmeza dos pais diante da resistência das crianças. Entretanto, ao perceber a presença constante delas entre os adultos, que não os poupava de ouvir as conversas e discussões, passou a atribuir essa situação à autonomia que as crianças possuem em diversos contextos, como no horário das refeições, nas brincadeiras e na ausência de horários fixos para dormir ou acordar. Silva (2015) argumenta que as crianças Calons vivem em liberdade, com os espaços sendo entendidos dentro da vida familiar e na rotina diária, relacionando-se com o todo. Assim, os pais não precisam orientá-las constantemente sobre onde ir ou o que fazer⁶.

A etnografia de Juliana Campos (2020) em Minas Gerais descreve como as relações ciganas são costuradas pelo parentesco, pelo gênero e pelo movimento. Estas categorias são centrais para compreender os ciclos da vida Calon, com ênfase no desenvolvimento da infância e a transição para a vida adulta, que se dá através do casamento. A antropóloga toma como interlocutoras principais as mulheres, buscando elucidar as relações e movimentações nos casamentos marcados pelas relações de amizade e parentesco que são importantes na produção da pessoa Calon.

Campos (2020) destaca como prática comum entre os ciganos os casamentos prometidos, ou seja, compromissos firmados desde o nascimento. Por meio deles, a autora observa elementos centrais no funcionamento da vida Calon, como o desenvolvimento da infância, a produção do parentesco, as relações de gênero e a valorização da honra⁷ da mulher, bem como movimentações, negociações e alianças.

Nos primeiros anos de vida as crianças são cuidadas exclusivamente pelas mães, dada a necessidade de amamentação. A partir do momento em que se dão as distinções entre masculino e feminino, a produção daquela criança passa a ser protagonizada pelos genitores de sexo correspondente. Campos (2020) identifica uma vigilância sobre as crianças ciganas desde pequenas para guardar a vergonha, ou melhor, para não a perder. Logo, a socialização cigana é marcada por princípios de conduta moral e de respeito, ou seja, à medida em que crescem, as crianças vão tendo sua liberdade de andar restringida para não se perder a vergonha. Assim, estão sempre próximas às mães ou avós, são elas que as levam para escola e cuidam delas. As crianças menores brincam juntas e livremente e à medida em que crescem viram alvo de vigilância e cuidado para não ficarem próximas ao gênero oposto. Para a compreensão do casamento na cultura cigana, Campos (2020) parte da criança, pois é nessa idade que se dá o noivado. Para ela os Calons mineiros obedecem às leis e normas próprias a sua cosmologia, concebida como lei cigana, esta opera como definidora da infância, da moral masculina e feminina, formatadora dos casamentos que encerram a infância.

⁶ Lima & Sousa (2020) tratam da autonomia das crianças em contextos diversos. Crianças de comunidades tradicionais têm sido retratadas como possuidoras de uma autonomia não vista em contextos urbanos. Estas discussões tem se ancorado em conceitos como o de autonomia do universo infantil e autonomia infantil (Sousa, 2018).

⁷ Entre os Calons mineiros as noções de vergonha e moralidade têm “múltiplas acepções, com sentidos positivos (como um valor próprio aos Calons, ligado a uma virtude moral, a uma preocupação com a reputação) e negativos (como uma timidez, uma humilhação ou como ligada a atitudes que ferem princípios morais)” (Campos, 2020, p.169).

Com uma convivência intensa com crianças em seu trabalho de campo, Flávia Arruda (2018), arquiteta e urbanista, guiada pelas teorias antropológicas, analisa a construção da territorialidade por parte de uma rede de parentes ciganos na região Metropolitana de Vitória, Espírito Santo. A autora ressalta que, em campo, seu contato maior era com as crianças e mulheres, dado o forte recorte de gênero nesse contexto, onde observou como as crianças estão inseridas nos movimentos cotidianos e são também parte da cosmologia Calon. Com o objetivo de explorar os modos de organização desse grupo, Arruda investiga a arquitetura das barracas recorrendo aos desenhos feitos pelas crianças, que destacam utensílios domésticos e móveis característicos da organização cigana. As crianças, por sua vez, possuem liberdade para circular entre as barracas e brincar umas com as outras, momentos documentados pela autora por meio de fotografias.

A presença das crianças em campo é ressaltada por Jamilly Cunha (2015), entre os Calons da Paraíba, que observa como desde seu primeiro contato, as crianças sempre estavam a sua volta, dançando, brincando ou pedindo para fotografá-las. Aqui, as mulheres são responsáveis pela educação das crianças, que estão sempre restritas aos limites de suas casas.

O sociólogo Robson Siqueira (2012) busca identificar as transformações culturais e as dinâmicas transnacionais traçadas pelos ciganos de Sousa na Paraíba, elegendo os adultos como seus principais interlocutores, ele descreve a presença de crianças brincando no Rancho. De igual maneira, a antropóloga Helena Dolabela (2019) ressalta como seu trabalho de campo foi marcado pela presença de crianças, idosos e mulheres. Com o objetivo de evidenciar as espacialidades vividas em um acampamento cigano em Minas Gerais, a autora salienta a presença de crianças que brincavam ao redor das casas. Além disso, descreve um diálogo com uma criança Calon durante um batizado, quando conversaram sobre a beleza de seu povo.

Notamos como o estudo da criança e da infância são importantes para um aprofundamento da organização das populações ciganas e de temas caros para a antropologia, como revelou Juliana Campos (2020) ao demonstrar a produção da pessoa Calon durante a infância. Esta fase da vida é retratada como importante na construção do pertencimento étnico e reveladora da organização social (Silva, 2015; Fazito, 2000; Melo; 2005; Goldfarb; 2013).

As crianças em campo, não passam despercebidas pelos olhares dos etnógrafos, que a introduzem em seus trabalhos a partir da temática da socialização e da reprodução da identidade étnica. Contudo, tais trabalhos têm ênfase nos adultos e em suas práticas de modelar e introduzir esses sujeitos aos costumes e práticas da sociedade envolvente, numa perspectiva socializadora da criança (Florestan Fernandes, 1979) sem espaço para ouvir seus pontos de vista ou descrever suas estratégias de resistência e negociação, suas agências e seu autonomia.

A CRIANÇA CIGANA NO CENTRO: A CONDIÇÃO DE APRENDIZ

Nessa sessão reunimos uma série de trabalhos que dizem respeito as crianças ciganas na condição de aprendiz. Embora a maior parte deles seja da área da educação, linguística e psicologia são áreas evidenciadas aqui. A razão disso é que o critério que utilizamos é de trabalhos cuja infância e seus sujeitos aparecem como momento e agentes de aprendizados diversos, sobre a própria etnia ou o idioma, por exemplo. Nos trabalhos da psicologia aqui elencados as crianças aparecem como aprendizes de uma socialização por meio de transmissão intergeracional, aprendizagem de valores morais e regras.

São os estudos realizados por Edilma Monteiro (2015; 2017; 2019) que apresentam as crianças Calon a partir de seu contexto cultural, analisando como os ciganos na Paraíba entendem a infância. Suas análises foram inovadoras no campo da pesquisa sobre e com crianças ciganas. Em diálogo com a Antropologia da Criança, a autora procurou compreender as perspectivas geracionais a respeito da infância, identificando como a infância é uma etapa em que se produz e se potencializa a pessoa Calon, porém sem as fases características da cultura ocidental, destacando a ausência da fase conhecida como adolescência.

Ao analisar a infância entre os Calon, Monteiro (2019) revela como a fixação destas comunidades contribuiu para reconfigurar elementos culturais e identitários. O tempo de parada se torna um fator crucial para entender a construção da etnicidade e a existência das crianças nesse cenário. Ao se estabelecerem, os grupos ciganos começam a cultivar novas relações com sua cultura, e as crianças desempenham um papel fundamental nesse processo de negociação e formação da identidade em contextos com forte interação com pessoas não ciganas. Logo, o tempo de permanência dos ciganos gerou significados e uma autêntica rede Calon, destacada na construção da identidade e na produção da pessoa. A autora destaca a relevância de pesquisas sobre os processos de produção de calonidade a partir da perspectiva das crianças.

Conforme Edilma Monteiro (2015) as crianças ciganas são socializadas e reprodutoras da cultura, aprendendo valores coletivos do grupo desde a primeira infância, e construindo um *ethos* cigano, fato revelado pelas crianças ao ressaltarem o que distinguia os ciganos de pessoas não ciganas: a linguagem, os colares, a barraca, carros de som e o espaço onde habitavam. Ademais, a infância é vivenciada a partir da constante participação das crianças em certas atividades: a ajuda doméstica pelas meninas e a inserção dos meninos nos negócios e trocas ciganas⁸.

A infância é o momento de aprendizado e construção da pessoa, quando as crianças participam de forma ativa, ressignificando e estabelecendo novos arranjos, que são influenciados pelas recentes conjunturas vivenciadas, como o tempo de parada. Logo, a construção da pessoa Calon se dá através do sangue e das relações internas com as redes de familiares, afins e aliados, tecidas pelas negociações que envolvem pessoas e objetos, engendrando relações no território. A pessoa Calon é forjada a partir de uma moral e honra, dentro de uma educação que se formula pela socialidade. É preciso tornar-se cigano e, isso se dá através do aprendizado na infância.

É no campo da educação que identificamos um expressivo número de trabalhos com crianças ciganas. Esses trabalhos revelam as divergências existentes entre o espaço institucional das escolas e o contexto cultural em que estas crianças estão inseridas, o que resulta em dificuldades das crianças ciganas em assimilarem as rotinas e práticas educacionais (Flávio Silva, 2012; Lenilda Perpétuo, 2017; Michele Campos 2023; Ana Pinto, 2017; Silvia Simões, 2007; Joseth Martins, 2011) ou em discriminações sofridas nas escolas (Luciana Bareicha 2013; Rodrigues 2029; Márcio Arcas 2022; Elma Lago 2020). Cabe ressaltar que, em sua maioria, as crianças pesquisadas moram em acampamentos, loteamentos e ranchos, afastados das cidades, distantes de onde se localizam as escolas.

A discrepância cultural ressaltada nos trabalhos nos leva a dialogar com o campo da Antropologia da Criança e perceber a existência de outros modos de ser criança, em que a criança não

⁸ As trocas ciganas conhecidas como catira foram objeto de estudo de Dolabela (2019).

seja reduzida a aprendiz e a uma infância escolarizada (Tassinari e Cohn, 2012; Tassinari, Almeida e Resendiz, 2014; Illich 1985).

Casa-Nova (2005) enfatiza a importância de trabalhos que investiguem os processos de construção das etnicidades em diferentes contextos, em cidades ou acampamentos. A autora observou o processo de socialização de crianças ciganas em Portugal, destacando como os ciganos davam autonomia e liberdade às crianças, educando-as a partir do *habitus* cigano, mesmo em um contexto interétnico.

Flávio Silva (2012) investigou as práticas educativas ciganas marcadas pela liberdade e ausência de regras, que se contrapunham às práticas escolares, que o autor define como formais e rígidas. Percebe assim, que estas diferentes concepções podem ser motivadoras da evasão e do baixo rendimento das crianças ciganas. Ao tomar as práticas educativas ciganas como ausente de regras, percebemos uma compreensão equivocada do autor da diversidade de formas de educar, diferentes e distantes do modo ocidental.

Monique Rodrigues (2019) investigou como as crianças ciganas são apresentadas nas produções acadêmicas da Educação Básica e em Projetos Sociais, para identificar políticas públicas na área da educação e saúde para estas crianças. A partir de uma revisão bibliográfica a autora identificou que, apesar de existirem documentos oficiais em defesa da garantia de educação e saúde para crianças ciganas, esses direitos não são garantidos no Brasil. Com uma história marcada pela discriminação e o preconceito da população não cigana, no espaço escolar não é diferente: as crianças sofrem exclusão e preconceito, além de sua cultura ser constantemente desvalorizada e invisibilizada, inclusive nos currículos das escolas que as atendem.

Elma Lago (2020) analisa a inserção da população cigana nas escolas do município de Maracás – BA, com o objetivo de compreender as relações étnico-raciais lá estabelecidas. Seu foco recai sobre as crianças matriculadas nos anos iniciais do ensino fundamental, pertencentes a um grupo fixado que mantém fortemente a pertença Calon. Embora tenham enfrentado episódios de discriminação, a presença da etnia cigana fez com que a escola desenvolvesse práticas que favorecessem a convivência entre diferentes grupos étnicos, representando um espaço de interação e de trocas interculturais.

No acampamento cigano, Lago (2020) observou aspectos fundamentais da construção identitária do grupo: rituais de casamento, experiências de vida nômade e práticas relacionadas ao luto, elementos culturais que revelam a complexidade da identidade cigana e reforçam a necessidade de uma abordagem pedagógica que reconheça e valorize tais especificidades. Apesar dos avanços, Lago (2020) constata que a prática pedagógica é permeada por dilemas relacionados à valorização da diversidade cultural, carecendo de uma educação verdadeiramente intercultural. As crianças reafirmam sua identidade étnica e se reconhecem como ciganas, apesar das experiências de preconceito no espaço escolar. Elas enfatizam a importância da escolarização para o seu futuro e o desejo de permanecer nesse ambiente, desde que respeitada sua identidade cultural.

Para investigar a constante desistência e o desinteresse de crianças ciganas pela escola e educação formal, Michelle Campos (2023) pesquisou os processos educativos e de aprendizagem, identificando as percepções das crianças sobre a escola e o valor que atribuem a ela. Para isso, utilizou o termo *Rom* para se referir a esse grupo étnico, desenvolvendo o trabalho com cinco crianças de três

diferentes regiões do Brasil e de quatro diferentes subtroncos étnicos: Kalderash, Boyash, Matchuaia e Lovara⁹.

Em consonância com Lago, Campos concluiu que, embora as crianças atribuam um valor positivo à escola, está ainda se mostra despreparada para acolher de forma adequada sujeitos cujas vivências não estão em conformidade com os valores da sociedade majoritária. Observa-se, além da ausência dessa população nos currículos e nas práticas didático-pedagógicas, um evidente despreparo do corpo docente para lidar com a diversidade e a pluralidade cultural.

Márcio Arcas (2022) investigou o processo de fixação, alteridade e escolarização dos ciganos da etnia Calon em Santa Fé do Sul - SP, onde residem desde 1950. Ele analisou as transformações culturais e sociais vividas por esse povo, sua invisibilidade perante o poder público e o papel da escolarização em suas vidas, atentando para os motivos de fixação territorial do grupo, o significado de "ser cigano" e as mudanças ou perdas culturais decorrentes desse processo, além dos indicadores de escolarização dos Calon na cidade.

Arcas (2022) observa que as novas gerações se apresentam como sujeitos pós-modernos, influenciados por fatores como a fixação, casamentos com não ciganos, escolarização e o crescimento do número de evangélicos. Apesar de ser Calon, o autor afirma que conhece cada vez menos as histórias de seu povo, que constrói ao longo dos séculos um sistema cultural fragmentado, resultado de múltiplas influências. A pesquisa incluiu relatos de chefes ciganos, mulheres e crianças — estas últimas investigadas principalmente em seu papel como alunos, frequentemente marcados por preconceitos no ambiente escolar, cristalizando os clássicos estereótipos a esses povos.

Joeth Martins (2011), investiga os sentidos da instituição escolar para as crianças de duas comunidades ciganas localizadas em Curitiba – Paraná. A autora identifica o encanto por parte das crianças com esse espaço que oferece experiências diferentes de seu grupo de pertença, identificando a escola como “o lugar de brincar, ver filmes, aprender a ler e escrever”. No entanto, destaca que esse fascínio pode mudar se a escola não fizer um esforço para se aproximar da cultura dessas crianças. Isso ficou evidente nos desenhos das crianças que mostraram diferenças entre os ambientes onde vivem e a escola.

De igual maneira, Maria Marcolino (2023) destaca a relevância de um currículo que considere a diversidade e sugere a incorporação da temática cigana na formação docente. Podemos mencionar outros trabalhos que abordam a difícil relação entre as crianças e o ambiente escolar, como o de Ana Kátia Pinto (2017), analisando as aventuras, mudanças e a reinterpretação do ambiente escolar por crianças ciganas no Rio Grande do Sul; Luciana Bareicha (2013), sobre a educação e a exclusão social sob a ótica de ciganos e não ciganos; e Silvia Simões (2007), que analisa tanto o ambiente escolar quanto o da comunidade situada em Palhoça - SC e afirma que a relação dos ciganos com a escola é fragmentada, já que eles dão maior importância à sua cultura.

Lenilda Perpétuo (2017), ao analisar os conflitos e obstáculos existentes na presença e permanência de ciganos Calons nas escolas de Sobradinho no Distrito Federal, ressalta como possível causa, a distância cultural entre os conhecimentos ensinados na escola e o modo como é transmitido para a comunidade Calon, contribuindo assim para o desinteresse e evasão dos ciganos do espaço escolar.

⁹ Os ciganos no Brasil, dividem-se em três principais grupos: Rom, Calon e Sinti. Estes apresentam diferenças de língua, costumes, organização social e histórias migratórias. Assim, dentro do grupo Rom, há inúmeros subtroncos étnicos, como estes mencionados.

Segundo Perpétuo (2017) enquanto a escola privilegia horários rígidos, com conteúdo e longos períodos em sala de aula, no contexto da comunidade as crianças detêm liberdade dentro dos acampamentos, com brincadeiras coletivas e participam ativamente das atividades domésticas e das decisões familiares, onde aprendem e se apropriam do espaço da comunidade por meio de atividades partilhadas: cantando, brincando, dançando e realizando atividades corriqueiras e domésticas.

Perpétuo (2017) ressalta como os ciganos trazem assim um conhecimento sócio-histórico cultural, muito bem definido, o qual se inicia na infância, por meio das relações partilhadas, levando as crianças a se apropriarem do saber coletivo. A infância cigana é um momento de construção e fortalecimento da identidade étnica. Para a autora a dificuldade que a escola tem em dialogar com a cultura e os saberes desses sujeitos seria um dos motivos da não adaptação das crianças no espaço educacional formal.

Estas pesquisas ressaltam o preconceito e os obstáculos que existem entre a escola e a cultura cigana, investigadas por meio do universo étnico das crianças, das práticas educativas ciganas e dos conhecimentos gestados na cultura do grupo, com ênfase nos desafios enfrentados pelas crianças no ambiente escolar por seu aspecto rígido e formal.

Ora, como definir a infância cigana? O conceito de infância e suas diferentes interfaces é central para a Antropologia da Criança, que busca identificar as diferentes concepções de infâncias para compreender a criança, que é fruto do meio sociocultural em que vive. Logo, a ausência de pesquisas específicas sobre a infância cigana denota como o tema ainda é pouco debatido nas pesquisas acadêmicas, com exceção dos trabalhos desenvolvidos por Edilma Monteiro (2015; 2019) e Allyne Veiga (2024).

Situado na área da educação, o trabalho de Allyne Veiga (2024) inverte a ordem e investiga o grupo cigano para problematizar os dilemas entre a educação formal escolar e os ciganos. Enfatizando a necessidade de uma educação que reconheça e valorize seus saberes e modos de vida, Veiga (2024) investigou as práticas de aprendizagem e construção de conhecimento entre crianças ciganas no acampamento de Juiz de Fora – MG e buscou compreender a etnicidade cigana, bem como explorar as concepções de infância e de criança presentes nesse grupo, além de analisar suas redes de aprendizagem e os modos como o saber é transmitido e compartilhado no cotidiano. A comunidade foco da pesquisa, vive há mais de vinte anos em um acampamento situado nas proximidades da zona rural, sob barracas. Nesse ambiente, a infância e as crianças, suas vivências e dinâmicas cotidianas mostraram-se fundamentais para a compreensão da cultura Calon, permitindo uma reflexão sobre suas práticas de aprendizagem. As crianças emergem como protagonistas criativas e expressivas no texto.

Com uma percepção do conhecimento intrinsecamente relacionado ao território e a cultura, as crianças valorizam e sentem orgulho da sua cultura, apreendida no cotidiano do acampamento a partir da criatividade, autonomia e liberdade que elas detêm nesse território. Aqui a infância é compreendida como um período de aprendizagem, que vai do nascimento ao casamento, momento no qual as crianças aprendem a ser Calon. Veiga (2024) observa como as crianças absorvem a cultura e contribuem para construir, transformar, reinterpretar e reinventar os elementos culturais em suas brincadeiras, sendo incentivadas desde muito cedo a participarem e assumirem papéis dentro da comunidade.

Há uma valorização pelos conhecimentos transmitidos entre as gerações, onde as crianças podem aprender valores centrais, como trocas e negociações. As crianças, desde muito novas, envolvem-se em práticas de barganha, até mesmo com objetos simples, como bolinhas de gude, o que revela o aprendizado cultural incorporado de forma lúdica e cotidiana. Outro aspecto central é a oralidade, com

histórias contadas pelos mais velhos para a transmissão dos saberes e tradições, mas com participação ativa das crianças, que são incentivadas a falar, escutar e atuar nas atividades do dia a dia, o que fortalece sua identidade cultural e o sentimento de pertencimento ao grupo.

As investigações no campo educacional revelam que as crianças ciganas são influenciadas pelo ambiente em que vivem, especialmente pelo *ethos* cigano, que valoriza a liberdade e a participação ativa nas atividades cotidianas como forma de aprendizado durante a infância. Isso contrasta com o sistema escolar tradicional, que é caracterizado por sua rigidez e pela imposição de conteúdos extensos, muitas vezes desconectados da realidade social dessas crianças. Os desafios e entraves para a permanência das crianças ciganas no espaço educacional formal são então questões que norteiam essas investigações. Sendo povos de cultura itinerante, a educação formal não fazia parte do seu cotidiano, sendo recente uma legislação que se preocupe com a educação e os povos ciganos, bem como a crescente presença deste público nos espaços escolares. Nessa linha, podemos citar os trabalhos de Marilene Lima (2017; 2023), Simone Andrade (2011), Liana Carlos (2022) Maria Marques (2023).

Na área da Linguística, Marilene Lima (2017), investiga a aquisição da linguagem chibi entre crianças Calon em Sousa- PB. Para tanto a autora analisa as relações traçadas entre adultos e crianças, considerando-as primordiais nesse processo. Lima reforça que para apreender o processo de aquisição da linguagem é necessário observar os gestos, pois na compreensão e aquisição de palavras os ciganos gesticulam com as mãos. Através das interações entre mãe e criança, a autora identifica como os gestos fazem parte das convenções de cada cultura, responsável pela socialização.

Lima (2023) investiga como em um contexto marcado por diferentes idiomas (Português e o Chibi) se dá a aquisição da linguagem pelas crianças, um importante construtor da alteridade cigana. Para Lima (2023) as crianças são inseridas desde tenra idade em interações com gêneros discursivos típicos de suas comunidades, sendo nas relações com os adultos em que eles são provocados a falar na linguagem cigana. A autora observa como, ao aprenderem palavras e o idioma cigano, as crianças também aprendem sobre o universo sociocultural em que estão inseridas, seus valores, regras e maneiras específicas de viver.

Com um estudo de cunho geográfico, Simone Andrade (2011), a partir das crianças ciganas, buscou descrever sobre o espaço habitado por ciganos em Sousa - PB. Por meio da produção de desenhos das crianças, a autora buscou descrever e identificar como crianças ciganas veem seu espaço, verificando se a cultura cigana e os valores dos ancestrais nômades influenciariam tais representações do espaço. Contudo, ela afirma que não houve nenhuma representação com enfoque na cultura cigana e ressalta que há por parte das novas gerações ciganas, que não viveram o nomadismo, uma perda cultural, enfatizando a necessidade de uma intervenção junto as gerações mais novas.

Mais uma vez nos deparamos com a compreensão equivocada da cultura como um elemento estático, um produto e não como um processo dinâmico que se atualiza. Ao tratar as modificações culturais como perdas, tal autores reproduzem uma ideia de cultura como algo a ser mantido sem atualizações, ignorando o fluxo próprios destes processos culturais, como afirmava Sahlins (1997).

Liana Carlos (2022), da área de Educação, analisou como as crianças compreendem a identidade cigana, reconhecendo-as como sujeitos com autonomia e propriedade para falar de si, por meio de técnicas como cirandas, desenhos e conversas informais. A autora observou como ao falar de si, as crianças ciganas de Sobral – CE, lançavam mão de elementos da cultura cigana, somado a elementos da cultura envolvente, em um processo que a autora define como hibridação.

A partir do cotidiano das crianças no acampamento Mathias em Quissamá, RJ Maria Cristina Marques (2023) visou explorar o mundo das crianças, por meio de uma abordagem lúdica e de observação dos cotidianos, para compreender suas formas de expressão, criatividade e sociabilidade, com o intuito de promover uma reflexão sobre as possibilidades de aprendizagem a partir da perspectiva infantil e da diversidade.

Por meio da ludicidade Marques (2023) reconheceu aspectos da cultura cigana, como o menino que brincava de vender e trocar objetos. Por meio do brincar as crianças expressaram suas vivências cotidianas, inventando e se movimentando, desenhando e usando pormenores da sua cultura, mencionando como era comum partirem para outra cidade. Marques (2023) ressalta que a infância cigana se dá até os doze anos quando se iniciam as preparações para o casamento.

No campo da psicologia dois trabalhos discutem as particularidades da infância e da adolescência no universo Calon. O primeiro desenvolvido por Greyc Cardoso e Mariana Bonomo (2019), aborda o processo de socialização étnica entre crianças Calon em um acampamento localizado no Espírito Santo, em uma comunidade que passa por um processo de fixação territorial. A infância é compreendida como um momento crucial de transmissão cultural e afirmação identitária. As crianças destacam vivências associadas à lei cigana por meio do uso de vestimentas típicas, da língua caló, da moradia em tendas e da adesão a normas tradicionais relacionadas ao matrimônio.

Cardoso e Bonomo (2019) identificaram a presença de uma educação familiar própria, marcada por forte transmissão intergeracional de valores, tradições e regras. Essa socialização étnica permite às crianças aprender e interiorizar padrões culturais que são centrais para a construção da identidade cigana. Nesse processo, ser cigano está intrinsecamente ligado a valores morais específicos, às tradições e aos costumes que regulam o pertencimento e a distinção em relação ao mundo não cigano, elementos esses que são apreendidos na infância a partir do processo de socialização étnica.

Patricia Montini (2017) investiga como se configura a adolescência¹⁰ entre os ciganos Calon, em acampamentos no Paraná. Nesse contexto, a infância é marcada por uma liberdade no acampamento, mas, sempre com o olhar atento das mães. Já a adolescência é voltada para o amadurecimento e responsabilidades, período em que se intensificam a aprendizagem dos papéis adultos e a participação na socialidade na comunidade.

A partir destas pesquisas percebemos como as crianças operam e expressam sua identidade. Seja por meio da língua cigana, ao identificar aspectos da disposição das barracas onde residem através de desenhos, ou até na participação nas viagens frequentes que realizam. É importante destacar a diversidade dessas populações revelando que existem várias infâncias ciganas. Entretanto, a seleção que fizemos aqui se dedica a analisar a criança na condição de aprendiz, do idioma, dos valores, da própria etnia, quase sempre por meio dos processos de socialização.

As teorias da socialização focam em adultos ensinando crianças a tornarem-se adultos. Schildkrout (1978) já havia defendido que é preciso reconhecer que há contextos que reservam papéis às crianças, além daquele papel de “aprendiz”, propondo considerarmos a interação entre as pessoas de várias idades, reconhecendo-as como variáveis interdependentes. Esta seria uma alternativa analítica diferente daquela que analisa o universo infantil como autônomo e vê na criança o papel de um aprendiz

¹⁰ Lembramos que Edilma Monteiro (2019) havia destacado a ausência de um período caracterizado como adolescência entre os ciganos Calon de Sousa, na Paraíba.

passivo. Logo, é preciso entender as crianças em seus próprios termos e não interpretá-las em termos adultos, como nos diz (Hardman, 1973).

Nenhum destes trabalhos apresenta as estratégias e resistências das crianças, suas ressignificações e a sua agência no universo em que elas estão inseridas. As pesquisas supracitadas tendem a privilegiar a criança como aprendiz, mas não tomam a criança como agente de ações da língua, de normas e valores e, sobretudo, responsáveis pela atualização da etnicidade. O diálogo com a Antropologia da Criança seria uma alternativa analítica viável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UMA ANTROPOLOGIA DA CRIANÇA CIGANA

Este artigo visou mapear os estudos realizados sobre povos ciganos no Brasil, em que as crianças foram consideradas, para um levantamento dos temas, abordagens, perspectivas e que contribuições eles poderiam dar a uma antropologia da criança. Notadamente, estes artigos foram importantes por mapear tais crianças, identificando os espaços que habitam, algumas práticas da vivência da infância e a importância desta fase na produção da etnicidade cigana. Acreditamos que estudos antropológicos com as crianças ciganas, lançariam luz sobre a presença e a importância das crianças em seus grupos étnicos, para a manutenção de sua organização social, a perpetuação de suas comunidades tradicionais, além de subsidiar políticas públicas específicas para os povos ciganos em geral.

Não questionamos as áreas de conhecimento dentro das quais estas pesquisas foram conduzidas. Nos interessa, o lugar das crianças nestas pesquisas. Não esperamos que elas sejam estudadas isoladamente, pois não compactuamos com a polêmica ideia da cultura infantil (Florestan Fernandes, 1979). Acreditamos que as crianças, como todos os sujeitos, existem em relação e devem ser consideradas em suas interações. Entretanto, enfatizamos a importância de que elas sejam ouvidas, suas representações consideradas e elas sejam sujeitos de observações criteriosas sobre suas experiências com a infância conduzidas por antropólogos.

A antropologia da criança no Brasil já reúne um cabedal de textos que refletem sobre método específicos para as pesquisas com crianças (Sousa, 2015; Pires, 2007, Sousa 2022; Pires e Oliveira, 2019), sobre considerar suas linguagens próprias e modos de representações, além de possuírem uma formação para a compreensão de culturas diferentes e modos de lidar com as modificações culturais. Apesar dos esforços das pesquisas aqui apresentadas em incluir as crianças, muitas vezes os autores anunciam perdas culturais, negligência cultural dos adultos por crianças ainda não saberem o idioma, falta de rigor na criação por parte dos pais ao comparar a cultura cigana à sua própria cultura nos moldes Ocidentais.

O uso comum nestes textos de expressões como “educação formal”, não nos parece mais adequada. Ao contrapor educação escolar, classificando-a como educação formal aos modos ciganos de educar suas crianças, tidos como uma educação informal, recaímos no etnocentrismo de não atribuímos formalismos a modos distintos de educar, uma lição a ser aprendida com as pesquisas sobre infâncias indígenas¹¹.

A contribuição da antropologia da infância neste sentido seria inquestionável ao ampliar os conhecimentos sobre infâncias diversas, em culturas distintas, para compreender a infância cigana e suas

¹¹ A Antropologia da Criança defende que os modos de educar – fora da escola – também são formais, como ocorre com os rituais dos povos indígenas. Por isso diferenciamos educação indígena de educação escolar indígena respeitando modos próprios de aprender e ensinar.

particularidades e o papel das crianças na manutenção e atualização de suas etnias. Tudo isso, situando as crianças no centro dos textos, como protagonistas de suas culturas e das pesquisas e respeitando os modos próprios de experienciar a infância.

Por meio de uma seleção de trabalhos sobre os povos ciganos, localizamos aqui as crianças às margens dos textos. Nenhum deles se dedica a infância especificamente mas se dedica a educação, aos casamentos, a moral, a economia, a cosmologia e esferas distintas da organização social entre ciganos nas diversas regiões do país. Ao considerar as crianças em suas investigações, estes trabalhos seguem Schildkrout (1978) defensor de que as crianças sejam ser consideradas nas pesquisas como uma variável qualquer em campo. Independente do objeto em estudo – sistemas de trocas ou economia, religião ou parentesco – as crianças estão intrinsecamente envolvidas na cultura cigana. Abordar tais crianças ao considerar as esferas sociais que formatam suas culturas nos fornece uma visão totalizante destes fenômenos sociais na perspectiva de todos os atores envolvidos.

Por outro lado, como geralmente ocorre, as pesquisas sobre povos ciganos no âmbito da antropologia, não consideram as crianças, e se o fazem recaem sobre afirmações preconceituosas, revelando desconhecimento sobre os temas que dizem respeito à infância na antropologia, cujo campo da Antropologia da Criança elaborou profundas discussões sobre temas, abordagens, métodos e técnicas adequadas às pesquisas com crianças.

Acreditamos que a razão pela qual tais pesquisas consideram as crianças seja o fato de que elas são um bem valioso para os ciganos. Logo, os estudos de ciganologia consideram as crianças nos moldes do que fez a etnologia indígena em relação às crianças indígenas, era impossível negligenciar as crianças indígenas quando elas ocupavam o centro de suas culturas. Ainda assim, foram omitidas das páginas centrais das etnografias clássicas, resumidas a notas de pé de página ou a prefácios que anunciavam suas companhias como guias nas aldeias.

Por fim, argumentamos por uma antropologia da criança cigana, mais do que uma antropologia dos povos ciganos que considerem as crianças. Ao defendermos uma Antropologia da Criança Cigana, não estamos tratando apenas da centralidade das crianças nas pesquisas – como protagonistas - ou nos textos – como coautoras; ou de técnicas de pesquisa mais adequadas para investigar com crianças. Enfatizamos, sobretudo, que os modos de considera-las podem ser menos etnocêntricos ao compará-las com o modelos Ocidental de criança e infância.

Sem querer causar uma aporia, perguntamo-nos se é possível uma Antropologia que considere as crianças, sem ser necessariamente uma Antropologia da Criança. Sem que os autores conheçam definições básicas, termos, vivências, a partir de uma literatura específica. Neste mapeamento sobre trabalhos que consideraram crianças ciganas deparamo-nos com comparações etnocêntricas.

Em todo caso, sua importância reside no fato de que nos situaram, revelando a importância de uma dada Antropologia da Criança Cigana, que retiraria tais crianças às margens das pesquisas e dos textos, situando-as no centro, a partir de métodos e técnicas mais adequadas. Etnografias de crianças ciganas, poderiam reforçar o que boa parte destes trabalhos aqui mapeados, mesmo tomando-as em paralelo aos estudos, sinalizam: a importância delas para perpetuar a identidade, reforçar sinais diacríticos e atualizar a etnicidade em tempos de fixação territorial, quando o nomadismo deixa de ser condição central de sua ciganicidade. Por isso, dizem os ciganos, a criança é um bem valioso. Resta que a Antropologia da Criança a tome como um sujeito de estudo valioso.

REFERÊNCIAS

ADOLFO, Sérgio Paulo. *O povo invisível: etnografia sobre os ciganos (Calon) de Londrina*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

ADOLFO, Sergio P. *Rom: uma odisséia cigana*. Londrina: Editora UEL, 1999.

ARCAS, Márcio Edovilson. *Somos iguais a você (!?): sobre fixação, alteridade e escolarização dos rom (ciganos) calon em Santa Fé do Sul/SP*. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2022.

ANDRADE, Simone Meneses de. *As representações do espaço geográfico de crianças ciganas da cidade de Sousa-PB*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia), Universidade Federal de Campina Grande, 2011.

ATHIAS, Renato. *A noção de identidade étnica na antropologia brasileira: de Roquette Pinto à Roberto Cardoso de Oliveira*. Série Livro-texto, v. 10. Recife: Editora Universitária UFPE, 2007.

ARRUDA, Flávia M. *Territorialidades ciganas na Região Metropolitana de Vitória*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, São Carlos, 2018.

ARRUTI, José Mauricio. Etnicidade. *Dicionário Crítico das Ciências Sociais dos países de fala oficial portuguesa*. Lívio Sansone e Cláudio A. Furtado (org.) Salvador: EDUFBA, 2014.

BAREICHA, Luciana Câmara F. *Educação e exclusão social: a perspectiva dos ciganos e dos não ciganos*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTGNAT, P; FENART-STREIFF, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Difel, (P. 185-227), 2011.

BARTH, Fredrik. Repensando a cultura. In: Dossiê: Fronteiras e Passagens: Fluxos Culturais e a Construção da Etnicidade. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência*, [S.l.], n. 19, p. 15-30, 2005. Disponível em: <http://www.gpmina.ufma.br/site/wp-content/uploads/2015/03/BARTH-F-ETNICIDADE-E-CULTURA.pdf>

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 8 fev. 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB n.º 3, de 16 de maio de 2012. Define diretrizes para o atendimento de educação escolar para populações em situação de itinerância. *Diário Oficial da União*: seção 1, p. 14, 17 maio 2012.

CAMPOS, Juliana. *O nascimento da esposa: Movimento, casamento, e gênero entre os Calons mineiros*. 2020. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade Federal de Belo Horizonte, 369 f.

CAMPOS, Michelle Puccetti de. *Crianças e adolescentes Rom e a escola: processos educativos pelo olhar da interculturalidade*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Belo Horizonte, 2023.

CARDOSO, Greyc Kelle Andrade; BONOMO, Mariana. Infância Calin: socialização étnica e identidade social entre crianças ciganas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 39, n. spe, p. 67–84, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-370300222651>

CARLOS, Liana Liberato L. *Leituras de si nas Cirandas Ciganas com as crianças do Bairro Sumaré em Sobral/CE: hibridação e resistências*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

CASA-NOVA, Maria José. Etnicidade e Educação Familiar. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v.8, n.2, p.207-214, maio/ago. 2005.

COHEN, Abner. Introduction: The lesson of ethnicity. In: COHEN, Abner (Org.). *Urban Ethnicity*. (ASA Monographs, n. 12). London: Tavistock Publications, 1974. p. 1–9.

COHN, Clarice. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias. Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 13, p. 211-234, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2013.2.15478>

COHN, Clarice. Noções sociais de infância e desenvolvimento infantil. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 10, n. 9, p. 13-26, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v9i9p13-26>

CUNHA, Jamilly Rodrigues da. “*Olhe nosso centro! Aqui somos todos ciganos*”: reconstruções identitárias e dinâmicas políticas entre os ciganos de Sousa. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

DOLABELA, Helena. *Palavra e Catira: orientações cosmológicas e práticas de negociação calon em contexto de reconhecimento e direitos no Brasil (2013-2018)*. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019.

FAZITO, Dimitri. *Transnacionalismo e Etnicidade: a construção simbólica do Ro-manesthán (Nação Cigana)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, 2000

FERNANDES, Florestan. As ‘Trocinhas’ do Bom Retiro. In: *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 2º ed., Petrópolis: Vozes, 1979 [1961]. p.153-256.

FERRARI, Florência. *O mundo passa: uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros*. 380 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, 2010.

FONSECA, Iabel. *Enterrem-me em pé: os ciganos e a sua jornada*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GLAZER, N.; MOYNIHAN, D. P. *Ethnicity: Theory and experience*, Cambridge-Mass, Harvard University Press, 1975.

GOLDFARB [Sulpino], Maria Patrícia Lopes. *Ser viajor, ser morador: Uma análise da construção da identidade cigana em Souza/PB*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1990.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. *Memória e etnicidade entre os ciganos calon em Sousa-PB*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013 (Coleção Humanidades).

HARDMAN, Charlotte. Can there be an anthropology of children? *Journal of the Anthropological Society of Oxford*, Oxford, v. 4, n. 2, p. 85–99, 1973. Disponível em: <https://doi.org/10.5287/ora-yjrbpbrod>

HIRSCHFELD, Lawrence. “Why don’t Anthropologists like Children?”, *American Anthropologist*, 104 (2) p.611-627, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1525/aa.2002.104.2.611>

ILLICH, Ivan. *Sociedade sem escolas*. Petrópolis, Vozes, 1985. (Educação e tempo presente, 10).

KRAMER, Sônia. Autoria e Autorização: questões éticas nas pesquisas com crianças. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 41-59, julho/ 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200003>

LAGO, Elma Cerqueira B. *As Relações Étnicas entre os Ciganos e Demais Habitantes da Cidade de Maracás no Espaço Escolar*. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade) Universidade Federal do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2020.

LIMA, Jéssica de S.; SOUSA, Emilene L. de. Autonomia das crianças versus controle institucional: uma análise da agência infantil em uma casa abrigo de Imperatriz. *REPOCS – Revista Pós Ciências Sociais*, v. 17, n. 33, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18764/2236-9473.v17n33p297-318>

LIMA, Marilene Gomes de S. *Um olhar sobre a aquisição da linguagem em criança cigana Calon – Dissertação* (Mestrado em Linguística) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017

LIMA, Marilene Gomes de S. “*Como é que tu diz juron?*”: Heterodiscurso nas interações entre adultos e crianças ciganas Calon no percurso da aquisição da linguagem. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

LOCATELLI, Moacyr A. *O ocaso de uma cultura: uma análise antropológica dos ciganos*. Santa Rosa: Barcellos Editora, 1981.

MARTINS, Joseth A. O. J. *A cultura cigana em questão: significados e sentidos da instituição escolar para a criança cigana*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

MARQUES, Maria Cristina. *O Brincar, a Educação e as crianças Calon do acampamento cigano de Quissamã, RJ: uma fotoetnografia de brincadeiras e de aprendizagens*. 408f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

MELO, Fábio J. D. de. *O Romani dos Calon da região de Mambá: uma língua obsolescente*. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Departamento de Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

MITCHELL, J. Clyde. "Perceptions of Ethnicity and Ethnic Behaviour: An Empirical Exploration". In *Urban Ethnicity* (Ed. A. Cohen), A.S.A. 12. Londres: Tavistock Publications, 1974.

MARCOLINO, Maria Aparecida Custódio. *A cultura cigana no currículo escolar: educar para a diversidade – uma proposta de inclusão na formação de professores*. Tese (Doutorado em Educação: Currículo), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

MONTINI, Patricia Moser. *O período de transição entre a infância e a vida adulta dos ciganos Calon: considerações sobre a adolescência*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

- MOONEN, Frans. [1993] *Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil*. 3ª ed. Recife: Editora do autor, 2011.
- MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto. *Tempo, rede e relações: uma etnografia sobre infância e educação entre os Calon*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto. *As crianças Calon: Uma etnografia sobre a concepção de infância entre ciganos no vale do mamanguape-PB*. Dissertação (Mestrado Antropologia), Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPB, João Pessoa-PB. 2015.
- MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto; Goldfarb, Maria Patrícia Lopes. A Infância Calon: Notas sobre o ser criança entre os ciganos no Vale Do Mamanguape- Paraíba/Brasil. *Fragments de cultura*, v. 27, p. 19, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.18224/frag.v27i1.5445>
- NUNES, Angela. A sociedade das crianças A'uwe – Xavante: revisitando um estudo antropológico sobre a infância. *Poiésis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, v. 4, n. 8, p. 342-359, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.19177/prppge.v4e82011342-359>
- PERPÉTUO, Lenilda Damasceno. *Comunidade cigana Calon em processo de escolarização: conflitos étnicos e saberes pluriculturais*. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- PINTO, Ana Kátia Pereira. *Entre andanças, transformações e fronteiras: (RE) significações da escola por ciganos no Espírito Santo*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Espírito Santo, 2017.
- PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças: Explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. *Revista de Antropologia*, 50(1), 225-270, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012007000100006>
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FÉNART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade* (2. ed.). São Paulo: Editora Unesp, 2011. Tradução: Élcio Fernandes.
- RODRIGUES, Monique de Oliveira da Silva. *Crianças ciganas: etnias (in)visibilizadas na educação básica e em projetos sociais*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, 2019.
- SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (Parte I). *Revista Mana*, volume 3, número 1, 1997. Pp.41-73. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93131997000100002>
- SANT'ANA, Maria Luiza. *Os ciganos: aspectos da organização social de um grupo cigano em Campinas*. São Paulo: FFLCH – Universidade de São Paulo. 1983
- SCHILDKROUT, Enid. Age and Gender in Hausa Society: Socio-Economic Roles of Children in Urban Kano. In LA FONTAINE (ed) *Sex an Age as Principles of Social Differentiation*, London: Academic Press, 1978.
- SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart e WOODWARD, Kathryn (orgs). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

- SILVA, Flávio José de Oliveira. *Das tendas às telhas: a educação escolar das crianças ciganas da praça calon Florânia/RN*. Dissertação (Mestrado em Educação) UFRN, Natal, 2012.
- SILVA, Lailson Ferreira da. *A vida em família: parentesco, relações sociais e estilo de vida entre os Calons de Sobral, Ceará*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.
- SIMÕES, Sílvia Régia Chaves de Freitas. *Educação Cigana: Entre lugares entre escola e comunidade étnica*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- SOUSA, Emilene L. de. As crianças e a etnografia: Criatividade e imaginação na pesquisa de campo com crianças. *Illuminuras*, 16(38), 140-164, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.57434>
- SOUSA, Emilene L. de. Autonomia do universo infantil versus autonomia infantil: a agência das crianças no contexto camponês Capuxu. *Temáticas*, Campinas, SP, v. 26, n. 51, p. 179–214, 2018. Disponível em: [10.20396/tematicas.v26i51.11633](https://doi.org/10.20396/tematicas.v26i51.11633)
- SOUSA, Emilene L. de; PIRES, Flávia. F. “Vai entrar no livro?”: A participação das crianças das pesquisas de campo aos textos etnográficos. *Humanidades & Inovação*, 7(28), 141-158, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2077>
- SOUSA, Emilene L. de. Etnografia com crianças em tempos de pandemia: uma reflexão ético-metodológica. *Cadernos De Pesquisa*, 52, e09122, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-5314-2023-0003BR>
- MÜLLER, Fernanda; SOUSA, E.milene L. de. Etnografias em movimento: Deslocar-se com as crianças pela cidade. *Civitas: Revista De Ciências Sociais*, 23(1), e41914, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2023.1.41914>
- SIQUEIRA, Robson de Araújo. *Os calon do município de Sousa-PB: dinâmicas ciganas e transformações culturais*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. 168 f.
-
- TASSINARI, Antonella. “Concepções Indígenas de Infância no Brasil”, *Revista Tellus*, ano 7, n.13, outubro/2007, Campo Grande: UCDB, p.11-25.
- TASSINARI, Antonella I. Múltiplas Infâncias: o que a criança indígena pode ensinar para quem já foi à escola ou A Sociedade contra a Escola. *Anais do 33º Encontro da ANPOCS*, Caxambu, 2009. Disponível em: <https://anpocs.org.br/papers-33-encontro/gt-28/gt16-24/1935-antonellatassinari-multiplas/file>
- TASSINARI, Antonella Imperatriz; ALMEIDA, José; RESÉNDIZ, Nicanor, Rebolledo. (Orgs.). Apresentação. In: *Diversidade, Educação e Infância: reflexões antropológicas*. Florianópolis: EDUFSC, 2014.
- TASSINARI, Antonella; COHN, Clarice. Escolarização indígena entre os Karipuna e Mebengokré Xikrin: uma abertura para o outro. In: TASSINARI, RESENDÍZ, Nicanor, Rebolledo; GRANDO, Beleni Salete; e ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre Santos. (Orgs.). *Educação indígena: reflexões sobre noções nativas na infância, aprendizagem e escolarização*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.
- VEIGA, Alynne Christian da. “Somos borboletas, como borboletas voamos por todos os lugares”: Uma Fotoetnografia Miúda das Crianças Ciganas do acampamento de Igrejinha em Juiz de Fora. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação – 2024

Submetido: XX/XX/XXXX

Aprovado: XX/XX/XXXX

Editor(a) de seção:

DECLARAÇÃO SOBRE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Disponibilidade de Dados de Pesquisa e outros Materiais:

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito

Aberturas na avaliação por pares:

Os autores concordam com a publicação dos pareceres da avaliação de aprovação do manuscrito.

Os autores concordam em interagir diretamente com pareceristas responsáveis pela avaliação do manuscrito

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Janeide da Silva Cavalcante – Conceituação, curadoria dos dados, análise formal, investigação, metodologia, escrita - esboço original.

Emilene Leite de Sousa – Metodologia, aquisição de financiamento, administração do projeto, recursos, supervisão, validação, visualização, escrita revisão e edição.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.